

**ESTUDO TOPONÍMICO
DO SIGNIFICADO DO NOME “CUIABÁ”**

Ivanete Maria de Jesus (UFMT)

iva2202@hotmail.com

Carolina Akie Ochiai Seixas Lima (UFMT)

carolakie@yahoo.com.br

RESUMO

Este trabalho tem a finalidade de apresentar um estudo toponímico do significado e origem do nome “Cuiabá”, com base nos documentos do século XVIII, e também através de estudos baseados nos mapas jesuíticos dos séculos XVII e XVIII, que demonstram algumas hipóteses sobre a origem do nome da capital Cuiabá, localizada no Estado de Mato Grosso (COSTA E SILVA, 2019). Para análise do *corpus*, nos respaldamos na metodologia, por meio de pesquisa bibliográfica, tendo como referencial teórico, tanto o campo da linguística, quanto o da história. Pretende-se, divulgar e incentivar o estudo da história de Mato Grosso, e também contribuir para o processo de identidade de Cuiabá, pois todo sistema linguístico reflete, tanto no seu léxico como na sua gramática, uma classificação e uma ordenação dos dados da realidade, pois cada língua traduz o mundo e a realidade social dos indivíduos que ela está inserida. Este trabalho é um recorte da tese de doutorado da linha de pesquisa “História, Descrição, Análise e Documentação de Línguas Faladas no Brasil” da área de concentração de Estudos Linguísticos do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Língua-gem da Universidade Federal de Mato Grosso – PPGEL/UFMT, e do Grupo de Pesquisa “FOLIUM – Estudos Interdisciplinares de Linguística, Filologia e História” que está diretamente ligado ao Projeto Nacional PHPB-Para a História do Português Brasileiro.

Palavras-chave

Cuiabá. Linguística. Toponímia.

ABSTRACT

This work aims to present a toponymic study of the meaning and origin of the name “Cuiabá”, based on 18th century documents, and also through studies Jesuit maps, from 17th and 18th century, demonstrating some hypotheses about the origin of the capital’s name Cuiabá, located in Mato Grosso state. (COSTA E SILVA, 2019). For this analysis, we rely on the methodology, through bibliographic research, having as theoretical framework, as far as linguistics fieldwork as history. It is intended, disseminate and encourage the study of Mato Grosso history and also contribute to Cuiaba identity process, because every linguistic system reflects, in its lexicon and grammar, classification and ordering reality data, for the reason that language translates the world and social reality of individuals in which it is inserted. This research is part of the doctoral thesis “History, Description, Analysis and Documentation of Languages Spoken in Brazil” in a concentration area of Linguistic Studies, by Postgraduate Program in Language Studies at the Federal University of Mato Grosso – PPGEL/UFMT and Research Group “FOLIUM – Estudos

Interdisciplinares de Linguística, Filologia e História” which is directly linked to National Project PHPB – For Brazilian Portuguese History.

Keywords
Cuiabá. Linguistics. Toponymy.

1. Introdução

Este artigo tem a finalidade de apresentar um estudo toponímico do nome “cuiabá”, seguindo os princípios da Toponímia, uma das disciplinas que integram a ciência da linguística, como o estudo dos nomes de lugares, que significa a própria etimologia da palavra, *topos* (lugar) e *onoma* (nome, designação), de origem grega. Sendo um dos ramos da Onomástica ou Onomatologia, trata-se da ciência que estuda os nomes próprios, constituída por dois segmentos, a toponímia, que investiga o léxico toponímico, a partir do estudo dos nomes de lugares, e a antroponímia, que estuda os nomes próprios de pessoas, sejam eles nomes, sobrenomes, cognome ou apelidos, pois o ato de nomear sempre esteve presente no cotidiano de todo e qualquer grupo.

Portanto, sendo uma disciplina que estuda nomes de lugares, a Toponímia evidencia marcas da história social (formação étnica, processos migratórios, sistema de povoamento de uma região administrativa), propicia atributos do ambiente físico (vegetação, hidrografia, geomorfologia, fauna) de uma região, já que ilustra a visão de denominador em tempo e espaço determinado.

Em virtude de sua característica interdisciplinar favorece a aquisição de múltiplos conhecimentos, inclusive questões linguístico-culturais materializadas nos nomes de lugares. O topônimo é visto como um signo carregado de significados, e estudá-lo é compreendê-lo em suas variadas dimensões, o que leva a fatos e ocorrências registrados nos mais diversos momentos da vida de uma população.

Com o intuito de contribuir para a história da cidade de Cuiabá recorre-se ao referencial teórico fundamentado por Dick (1990). Segundo a autora, a história dos nomes de lugares, em qualquer espaço físico considerado, apresenta-se como um repositório dos mais ricos e sugestivos, em face da complexidade dos fatores envolvidos. Diante desse quadro considerável dos elementos atuantes, que se inter cruzam sob formas diversas, descortina-se a própria panorâmica regional, seja em seus aspectos naturais ou antropoculturais.

Constata-se, por isso mesmo, que a Toponímia reflete de perto a vivência do homem, enquanto entidade individual e enquanto membro do grupo que o acolhe, nada mais é que reconhecer o papel por ela desenvolvido no ordenamento dos fatos cognitivos. E para análise do *corpus*, nos respaldamos na metodologia, por meio da pesquisa bibliográfica, tendo como referencial teórico, tanto o campo da linguística, quanto o da história.

Com base nesses princípios, o recorte toponímico inicia-se na busca pelo significado e origem do nome “cuiabá”, pois são inúmeros os registros na historiografia mato-grossense que atestam informações referentes ao nome da cidade. Dessa forma, selecionamos algumas hipóteses que trazem explicação etimológica referentes a palavra “cuiabá”.

2. Contexto Histórico

Pascoal Moreira Cabral, no ano de 1718, ocupou a região do rio Coxipó estabelecendo-se no arraial de São Gonçalo Velho. Relembra, ainda, que no mesmo local, no ano de 1717, existiu uma antiga aldeia de índios Coxiponés, chamada de Aldeia Velha, mais tarde destruída por Antônio Pires de Campos. Com o intuito de capturar os índios Coxiponés, Pascoal Moreira Cabral acampou na região e manteve o nome do arraial de São Gonçalo Velho, denominado por Manoel de Campos Bicudo, pai de Antônio Pires Campos, no século XVII. Assim, em 08 de abril de 1719, foi lavrada a Ata de Fundação de Cuiabá por Pascoal Moreira Cabral e seus bandeirantes, no Arraial de São Gonçalo Velho na beira do Coxipó-Mirim.

Embora o objetivo de Pascoal Moreira Cabral fosse capturar índios, se deparou com outra realidade num certo dia ao chegar em seu acampamento, encontrou seus os homens alvoroçados com a grande novidade, a descoberta do ouro às margens do Coxipó. Dessa forma, o bandeirante, com um olhar atento e com as mãos práticas, percebeu que tinha encontrado uma riqueza bem maior do que o “índio”, pois tinha ouro em abundância, “em pó, em granetes e em pepitas, o ouro abundava, e Pascoal Moreira Cabral, de preador de índios, virou minerador de ouro. E com ferramentas improvisadas, começaram a bater o ouro fácil” (FREITAS, 1930, p. 12).

A notícia do ouro se espalhou pela capitania paulista, e logo se formaram várias bandeiras em busca do ouro cuiabano. Consequentemente, o arraial teve um crescimento acelerado, com a construção de centenas de ranchos de pau a pique cobertos de folhas de coqueiros, e o povoado se tornou bem diversificado, sendo habitado

[...] por homens, mulheres, brancos e negros, criminosos, pessoas de bem, índios, escravos, militares, padres, mineiros, aventureiros de toda ordem dirigiam-se para as novas minas descobertas. (FREITAS, 1930, p. 14)

De acordo Muller (1994), a descoberta do ouro trouxe o aumento acelerado da população para região, bem como o desgaste para a natureza. As encostas do córrego ficaram destruídos pelos mineradores, além de inúmeros aglomerados construídos às margens do córrego da Prainha, região mais plana, os ranchos foram construídos sem nenhum planejamento, ou preocupação com formação das ruas, e becos, surgindo as vilas de forma desordenada, nunca imaginado que se tornaria futuramente à capital de Mato Grosso.

No entanto, falar de Cuiabá, tanto do ponto de vista da história ou quanto da linguística, geografia ou antropologia é mergulhar no imaginário, nas imagens, nas lembranças do passado tornando o futuro uma cópia colorida dos tempos vivenciados pelos nossos antepassados. Desta forma, fornecemos um breve relato sobre a fundação de Cuiabá, para que a versão original não fique no esquecimento e venha fazer parte do registro do futuro.

3. Em busca da origem do nome “Cuiabá”

O topônimo “Cuiabá” passa por várias suposições e lendas, porém demonstraremos algumas hipóteses. De acordo com Costa e Silva (2019), a origem e o significado do termo “cuiabá”, vem do nome do rio Cuiabá que deriva de *Cuyaverá*, segundo o autor, encontrará em documentos do século XVIII, e através de uma carta do padre Agustin Castañares²²⁵ importantes informações da região dos Xaraiés (atual Pantanal Mato-Grossense) e vila de Cuiabá.

²²⁵ Padre jesuíta Agustin Castañares, professor em Assunção-Paraguai, pertencia à Companhia de Jesus, tinha como missão evangelizar os indígenas da América, fez muitas viagens de Assunção ao Pantanal mato-grossense, através de uma carta deixou importantes revelações para a história e a etnografia de Mato Grosso do século XVIII.

Relata Costa e Silva (2019) que havia apenas uma hipótese da palavra “cuiabá” que seria de origem guarani, pois os índios Paiaguás percorreram, por muito tempo toda aquela região formada pelo Chaco Paraguai até o Norte do Pantanal Mato-Grossense, acreditando que a pronúncia era muito parecida com o guarani e não tinha nada a ver com a língua Bororo. Portanto, durante uma pesquisa sobre os espanhóis que viviam em terras mato-grossenses, mais precisamente, a conquista espiritual dos jesuítas no vale do Paraguai, encontrou um documento do século XVIII, que poderia esclarecer as dúvidas em relação a origem da palavra “cuiabá”, era uma carta do padre jesuíta Agustin Castañares²²⁶ a D. Rafael de La Moneda, governador da Província do Paraguai, escrita em Assunção, em 16 de setembro de 1741.

A carta do padre Agustin Castañares, relatava sobre a disputa entre espanhóis e portugueses pelo território mato-grossense. Na época, em que a carta foi escrita, 1741, a vila possuía apenas 22 anos de existência, e a posse portuguesa ainda não estava totalmente consolidada, porém, isso veio a ocorrer no ano de 1750 com a assinatura do Tratado de Madri²²⁷ entre as duas Coroas. O conteúdo da carta trouxe importantes informações referente a vila cuiabana, dentre elas que os espanhóis utilizavam os topônimos da região, respeitando o costume e a tradição indígena em relação a essas nomeações, principalmente, em língua guarani, para designar os rios, lagoas, baías, serras e tribos de índios. Desta forma, um trecho da carta do padre Agustin Castañares menciona o *Cuyaverá*, referindo-se ao nome do rio conforme descrito abaixo:

Está fundada dicha ciudad, segun tengo entendido, al principio del lago de los Jarayés, yendo de aqui de esta banda del rio en tierra confinante con la de la Assunción, sobre el Arroyo Cuyaverá, que segun el mapa entra del este en el rio Paraguay, y del Arroyo tomara la ciudad la denominación de Cuyabá. (COSTA E SILVA, 2019, p. 26)

De acordo com Costa e Silva (2019), esse fato contribui para enriquecer a pesquisa, pois nenhum historiador, pesquisador ou etimologista conhecia o termo *Cuyaverá* para designar o rio Cuiabá. Na

²²⁶ O que impressionara em sua biografia eram suas inúmeras viagens navegando pelo rio Paraguai acima, desde Assunção até o ponto do caminho terrestre para a missão dos Chiquitos, o que o tornou um conhecedor dessa região, principalmente, o lago dos Xaraiés, assim chamados pelos espanhóis daquela época, que atualmente é o Pantanal mato-grossense. (COSTA E SILVA, 2019, p. 19)

²²⁷ Foi um tratado firmado na capital espanhola entre os reis João V de Portugal e Fernando VI de Espanha, em 13 de Janeiro de 1750, para definir os limites entre as respectivas colônias sul-americanas, pondo fim assim às disputas. (COSTA E SILVA, 2019, p. 21).

seqüência da carta, o padre Agustín Castañares, o autor, aponta quatro pontos distintos, os quais chamou-lhe a atenção; menciona que a cidade²²⁸ de Cuiabá estava nas proximidades do lago dos Xaraiés, atualmente Pantanal Mato-Grossense; a mesma estava situada às margens do rio *Cuyaverá*; o mapa conduzido pelo padre mostrava que o rio *Cuyaverá* entrava no rio Paraguai pelo lado leste, e finalmente afirma que o nome da cidade Cuiabá era proveniente do nome do rio *Cuyaverá*.

Costa e Silva (2019) afirma que todas as informações do padre Augustín Castañares são categóricas e deixam evidentes as várias viagens feitas por ele ou outros padres da Companhia de Jesus²²⁹, que tinham a missão de evangelizar os indígenas, com isso conheceram várias tribos de índios, rios, entravam nas baías, cortavam os campos até a região do Pantanal²³⁰ Mato-Grossense. Devido essas viagens surgiram vários relatórios e mapas da região, muitas vezes faziam anotações de informações advindas dos índios, dos paulistas, dos aventureiros, ou dos soldados do exército espanhol que desde o século XVI já sabiam da existência de um rio que desaguava no Paraguai do lado leste, na região do Pantanal.

Assim, diante de todas essas evidências pode-se afirmar que a existência dessa carta é um importante documento, um precioso registro da toponímia geográfica de Mato Grosso, que além de enriquecer a história e a etnografia mato-grossense do século XVIII, apresenta outros fatos como a preocupação espanhola com o território, e a vontade de algumas autoridades de Assunção, em expulsar os bandeirantes paulistas das minas de Cuiabá.

²²⁸ Certamente, propositadamente, Castañares chamou Cuiabá de cidade, pois seria muito mais difícil a decisão dos espanhóis em atacar uma *ciudad* do que uma vila. E a sua clara intenção, manifestada em vários pontos de sua carta, era evitar uma guerra entre ambos os países ibéricos (COSTA E SILVA, 2019, p. 35).

²²⁹ A Companhia de Jesus tinha como objetivo principal evangelizar os índios em terras espanholas da América, nos dois primeiros séculos de sua conquista.

²³⁰ O Pantanal era o “fundo do quintal” das missões do Paraguai, ponto de passagem fluvial para outras missões e foi, certamente, palmilhado pelos padres em suas andanças e peregrinações através da imensa região sul americana em sua atuação evangelizadora, (COSTA E SILVA 2019, p. 35).

4. Hipóteses

Ressalta Costa e Silva (2019) que após o levantamento da carta do padre Agustin Castañares, trouxe novos caminhos para a compreensão da origem e o significado do nome “cuiabá”, pois teríamos de estudar o termo *Cuyaverá*, segundo Castañares o vocábulo “cuiabá”, teria originado do nome do rio *Cuyaverá*. Dessa forma, o autor, recorreu ao professor de guarani em Assunção, Basilides Brites Fariñas, enviando-lhe a carta do padre Castañares para obter mais dados sobre a etimologia da palavra de origem guarani, *Cuyaverá*.

Partindo do princípio que esse vocábulo *Cuyaverá*, provém do guarani devido a sua sonorização fonética, pois *verá* é uma palavra guarani, que significa brilhante resplandecente, embora não apresente o significado do termo *cuya*, o referido professor afirma que o *Cuyaverá*, mencionado pelo padre Castañares em sua carta de 1741, é uma alteração do vocábulo guarani *Kyyaverá*, pois o rio Cuiabá era o rio da Lontra Resplandecente ou Lontra Brilhante, assim traduzido em português.

E de fato comprova-se a existência desses animais (Lontra Brilhante) no rio Cuiabá, e são bastante confundidos com as ariranhas (*Pteronura brasiliensis*), no entanto as lontras (*Lutra longicaudis*), são menores que as ariranhas, por isso são confundidas com as ariranhas jovens, somente quem conhece as duas espécies pode diferenciá-las dentro da água. Em suas viagens pelo Pantanal, os índios de fala guarani observaram a grande ocorrência de lontras e ariranhas no rio Cuiabá, e por esse motivo chamava-o de rio *Kyyaverá* ou rio da Lontra Brilhante, reforçando ainda mais a tese levantada (COSTA e SILVA, 2019).

Afirma, ainda, Costa e Silva (2019) que pela primeira vez tem-se um estudo etimológico atestado por documentos históricos. Com isso, contextualiza que mesmo a palavra *Cuyaverá* sendo um topônimo designativo do rio, deu base sólida para a análise etimológica deste vocábulo, que nunca tinha sido comprovado por documento por nenhum historiador, cronista, bandeirante, espanhol, aventureiro, sacerdote, moçoieiro ou índio, nem na história ou geografia de Mato Grosso.

Portanto, *Cuyaverá* existiu como topônimo, certamente denominado pelos indígenas que viveram às suas margens, e posteriormente registrada em carta oficial pelo padre Agustin Castañares, no século XVIII. Sendo uma informação muito importante, além de ser um documento histórico e remeter-se a um mapa de tempos coloniais, e assim constata-se que a palavra sofreu algumas alterações fonéticas,

primeiro *Kyyaverá*, *Cuyaverá*, *Cuyaberá*, *Cuyavá*, *Cuyabá*, *Cuiabá*, que significa Lontra Brilhante na fala guarani.

Por outro lado, Juca (1988) atesta que o nome “cuiabá” nunca poderia ter vindo do nome do Rio Cuiabá, pois cujo o primeiro nome do rio era *Ibiraty* de origem tupi-guarani que significava (*Ibira*, madeira, e *Ty*, líquida, isto é madeira líquida, pela quantidade de madeiras que eram levadas pela enxurrada). Ressalta, que a possibilidade mais próxima seria de origem tupi-guarani, pois esta parte de Mato Grosso, mantinha contato com esses indígenas, através da Bacia do Paraguai, onde as tribos de origem bororo estavam localizadas nos seus principais afluentes, e eram comum utilizarem expressões como *Quá*, *Kuá*, *Cuá* que são variações fonéticas da língua tupi-guarani, de vale, enseada, planície, e o *Y* corresponde a água, e *avá* ou *abá* que significa índio homem, concluindo que a etimologia da palavra se deu pelo processo de aglutinação *cuá-y-abá* que seria Vale dos Índios das Águas.

Drumond (1965), em sua obra *Contribuição do Bororo para Toponímia Brasileira*, cita o termo *ikuiapá* – *ikuia*: flecha-arpão; *pá*: lugar (lugar da flecha-arpão). Ressalta que se tratava de uma localidade onde os *Bororo* costumavam pescar com flecha-arpão. Lugar correspondente à foz do *Ikuiébo*, córrego Prainha, afluente da margem do rio Cuiabá. Assim sendo, o nome da capital de Mato Grosso, Cuiabá, inaugurada nas duas margens do córrego da Prainha, seria a alteração e sonorização de *Ikuiapá*.

Segundo Pombo (1988 *apud* COSTA E SILVA, 2012, p. 18), encontra na Enciclopédia Bororo, organizada pelo padre César Albisetti, seguindo o mesmo raciocínio de Drumond, que “cuiabá” poderia ter originado do termo *IKUIAPÁ* – *ikuia*: flecha-arpão; *pá*: lugar da flecha-arpão. Fato muito comum para os indígenas da região, pescar com flecha-arpão. Por ser um território dos indígenas *Bororo*, e existem na região vários topônimos provenientes dessa língua como *Coxipó*, *Poxoréu*, *Torikueji*, *Torixoréu*, *Meruri*, entre outros.

Porém, Sampaio (1987), em sua obra *O Tupi na Geografia Nacional*, cita que, segundo Lacerda e Almeida, “*cuyabá* era nome da tribo selvagem que habita o sítio, onde é hoje a capital de Mato Grosso. Se for nome de procedência tupi-guarani, *cuyabá* é o mesmo que *cui*=farinha, *abá*=homem”, que significa o homem de farinha, o farinheiro, pois “*cui*a=vasilha, *abá*=homem, isto é, o fabricante ou fazedor de cuias”.

Por fim, Juca (1988) traz outra explicação bastante pertinente que nesta região existiam os índios *bororo* que se denominavam de *Bóe* e o termo *bororo* significa aldeia ou pátio, lembrando ainda, que na língua *bororo* não existe o vocábulo “cuiabá”, o mais próximo seria *Ikúia Pá*, que significa lugar de pescar com flecha-arpão, então se deduz que o vocábulo é de origem indígena, porém surgiu de outra região, o que tudo indica que seria do tupi-guarani.

5. A toponímia

No Brasil, a toponímia integra-se aos estudos linguísticos do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. A professora e pesquisadora, Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick, que deu continuidade aos estudos sobre a Toponímia Indígena, iniciados por Drumond, seguindo suas orientações e a teoria de Dauzat, e assim, enriquecendo, a partir de uma visão física e antropológica, os estudos toponímicos por meio dos Princípios Teóricos e Modelos Taxeonomícos aplicados aos nomes de lugares.

Pois, desde os tempos mais remotos, o homem sempre deu nome aos lugares. E o sentido desses denominativos é o ponto de partida para investigações em diversos campos científicos que englobam a cultura de um povo em geral. Existem várias teorias que procuram estabelecer e fixar a origem da motivação e a natureza dos motivos, dentre eles destacam-se os fatores biológicos, sociológicos, psíquicos, sobrenaturais e o próprio autorracionalismo humano.

Segundo Dick (1990), a toponímia é uma disciplina antiga, cuja significação começou a se delinear a partir do momento em que os grupos humanos se distribuíram distintamente, em porções territoriais delimitadas, impondo-se a identificação das regiões que se iam ocupando, a Toponímia, nem sempre, conseguiu ver reconhecida, no Brasil, a sua função conservadora das tradições e dos costumes de um povo, ou de registro das características topográficas locais mais sensíveis. Esse entendimento ganha profundidade quando se compreende que, no topônimo, pode-se perceber e sentir a marca de sua inscrição em um contínuo tempo espacial determinado. Atualmente, a toponímia é considerada uma disciplina completa no que se refere a seus aparatos teórico-metodológicos e seu objeto de estudo – o topônimo.

Os topônimos são, portanto, importantes instrumentos de pesquisa, pois são ponto de partida para investigações através da análise, comparação, interpretação e seleção de dados. Permite compreender aspectos da mente do denominador, além de um elemento isolado, mas como também projeção de um grupo social. Dick (1990) chama à atenção para o fato de que apenas um trabalho sério de investigação, que se sabe demorado e constante, pode nos levar à verdadeira causa denominativa e, talvez, num último passo, à intencionalidade do dominador, questões mais complexas em Toponímia, o que leva o pesquisador a buscar a possível causa ou motivação do topônimo em outras áreas do conhecimento, fazendo-se necessário uma pesquisa interdisciplinar.

6. *Considerações finais*

O presente estudo demonstrou várias possibilidades da origem e o significado do nome “cuiabá”, devido aos inúmeros registros encontrados na historiografia de Mato Grosso, que atestam informações em relação ao nome da cidade.

No entanto, percebe-se que não há um consenso entre os diversos autores citados no trabalho, e que a etimologia da palavra “cuiabá” foi o caminho percorrido por todos para chegar a uma conclusão, estudaram cuidadosamente o significado e a origem da palavra “cuiabá”, encontraram inúmeras interpretações e conclusões diferentes e até mesmo contrárias para um mesmo vocábulo, embora não tragam nenhuma certeza histórica.

Ainda que não tenhamos uma comprovação definitiva da origem da palavra “cuiabá”, conseguimos através dos documentos pesquisados levantar dados relevantes acerca da formação sociocultural da cidade, partindo do pressuposto de que o léxico de uma sociedade traz em sua essência as características culturais, sociais e históricas, pois evidencia a realidade toponímica registrada nos documentos e em seu contexto de produção.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

COSTA E SILVA, Paulo. *Pitaluga. Erros e Mitos na História de Mato Grosso*. Cuiabá-MT: Carlini & Caniato, 2012.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

_____. Origem e significado do nome Cuiabá, *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso/Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso*, n. 81, Cuiabá, 2019, 314p.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: Edições Arquivo do Estado de São Paulo, 1990.

DRUMOND, Carlos. *Contribuição do Bororo à Toponímia Brasileira*, Universidade de São Paulo – Instituto de Estudos Brasileiros, São Paulo, 1965.

FREITAS, Moacyr. Fundação de Cuiabá. In: _____. *História ilustrada – textos e desenhos do autor*. Cuiabá-MT: Defanti, 1930. 23p.il.

JUCÁ, Pedro Rocha. O nome Cuiabá corresponde a Pantanal Matogrossense. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso*, 1988, Tomos CXXIX e CXXX, ano LX.

MULLER, Maria de Arruda; RODRIGUES, Dunga, *Cuiabá ao longo de 100 anos*. Cuiabá-MT: Editora Eletrônica: Selma Carvalho, 1994.

SAMPAIO, Teodoro. *O Tupi na Geografia Nacional*. Introdução e notas de Frederico G. Edelweiss. 5. ed. São Paulo: Nacional: [Brasília, DE]: INL, 1987.